

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 05 – As tensões no caminho do discipulado I

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



Entre o Espírito e a carne

O discipulado é uma jornada, é um caminho que trilhamos com o objetivo de irmos sendo transformados dia a dia a imagem de Jesus, nosso Redentor, em nossa maneira de pensar, de sentir e de agir. No entanto, esse caminhar não é um mar de rosas. Existem tensões, perigos, tentações, espinhos, aflições. Poucos autores cristãos conseguiram ilustrar essa verdade tão bem quanto John Bunyan no clássico espiritual “O Peregrino”, no original “O progresso do peregrino”, que conta a história de um personagem de nome “Cristão” indo da Cidade da Destruição para a Cidade Celestial, contando assim uma elaborada alegoria da vida cristã.¹

A história narrada por Bunyan na verdade é a história de todo cristão em sua jornada, seguindo a Cristo e enfrentando todas as escolhas, tentações e inimigos que aparecem pelo caminho. Parece fácil identificar a princípio elementos a nossa volta que confirmam essa impressão, afinal todos os dias somos confrontados com tentações inúmeras, somos pressionados pelos valores contraditórios da sociedade distante de Deus e de sua Palavra, somos afrontados quando nos posicionamos como cristãos. O que pode nos passar despercebido, no entanto, é que as Escrituras afirmam que a maior luta, todavia, não se trava ao nosso redor mas dentro de nós. Sim, agora mesmo estamos vivendo as tensões interiores do discipulado.

O Senhor Jesus foi abordado pelos fariseus, que desejavam discutir acerca de rituais e purificação (Mt 15.1-20), e então o Redentor deixa claro que “do coração saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as imoralidades sexuais, os roubos, os falsos testemunhos e as calúnias” (Mt 15.19). O Salvador nos mostra que o pecado não é uma questão meramente comportamental, mas essencial, profunda, enraizada no coração do homem.

O que quero dizer é que o pecado não é apenas uma questão de o que fazemos, de comportamento errado, mas na verdade todo o nosso ser tem um instinto básico, uma natureza, que tende para o mal e resiste a submeter-se ao Criador. Por isso os reformadores insistiam em dizer que somos pecadores não apenas por que pecamos, mas pecamos por que somos pecadores.² Essa realidade é retratada pelos teólogos através da famosa expressão calvinista “depravação total”. Pearcey e Colson explicam que “os reformadores cunharam a frase ‘depravação total’, significando que nossas escolhas pecaminosas distorcem todos os aspectos do nosso ser, inclusive as ideias”.³

Nestes termos, todo ser humano nasce de costas viradas para seu Criador, tão indiferente e rebelde quanto foram seus primeiros pais. Todo nascemos filhos de Adão e filhas de Eva. Contudo, o Eterno não desistiu de nós e enviou seu Filho para morrer em nosso lugar e levar sobre si a penalidade por nossos pecados. Foi por meio da morte de Cristo que o Eterno nos atraiu para si, nos perdoou e por meio do sangue de Jesus e do poder do Espírito Santo nos regenerou! Sim, infundiu do seu Espírito em nós assim que cremos em Cristo e nos deu vida espiritual quando estávamos em um estado de morte espiritual profunda, isso é regeneração como nos ensina Paulo (Ef 2.1-10).

Plantinga expressa de maneira maravilhosa que “se pensarmos nos terríveis efeitos mortais do pecado, então a regeneração do amor de uma pessoa por Deus e pelo seu semelhante é um tipo de milagre. Nos termos que foram usados por Jesus para descrever o filho pródigo, a regeneração é a conversão misteriosa do coração, direcionando-o de volta ao lar”.⁴ É importante lembrar que a obra da regeneração é a partida da vida cristã, é a vida espiritual que passamos a ter por meio da presença, atuação e poder do Espírito Santo em nós, o Consolador enviado por Jesus.

Essa verdade maravilhosa infelizmente precisa ser compreendida de maneira ampla, pois a infusão de vida espiritual em nós pela presença do Espírito Santo é um ato que inicia nossa jornada espiritual mas não mata nossa primeira natureza pecaminosa e rebelde. Gosto da maneira simples como Peterson destaca que “quando alguém se torna cristão, não se transforma em uma pessoa boa imediatamente. A compreensão desse fato sempre é uma surpresa. Converter-se a Cristo e aos seus caminhos não proporcionam de imediato ao convertido um procedimento impecável e uma moral irrepreensível”.⁵

¹ BUNYAN, John. *The Pilgrim's Progress*. Minneapolis: Desiring God, 2014.

² PLANTINGA, Cornelius Jr. *Não era para ser assim*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.39

³ COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *E Agora Como Vivemos?* Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p.213

⁴ PLANTINGA, Cornelius Junior. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.94

⁵ PETERSON, Eugene. *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.1614

Paulo conseguiu captar bem essa dualidade interior quando expressou sua própria luta em sua Epístola aos Romanos: “Decido fazer o bem, mas de fato não o faço. Decido não fazer o mal, mas acabo fazendo, de um modo ou de outro. Minhas decisões não resultam em ações. Algo está muito errado no meu interior e sempre tira o melhor de mim. Isso acontece tanto que já é previsível. No momento em que decido fazer o bem, o pecado está lá para me derrubar [...] Já tentei de tudo, mas nada resolve. Já não aguento mais. ‘Não há ninguém que possa me ajudar?’ – não é essa a verdadeira pergunta?” (Rm 7.17-24 – *A Mensagem*).

O Apóstolo expressa de maneira tão clara, vívida e sincera sua luta interior entre seu desejo de amar e servir ao Eterno e as pessoas e ao mesmo tempo seu instinto pecaminoso que o leva a quebrar relacionamentos e andar de costas para o Criador. Acredito que todo cristão pode simplesmente tomar todas as palavras de Paulo neste trecho e pronunciá-las em seu próprio nome pois todos sabemos bem as contradições, tensões, lutas e fracassos que experimentamos assim como o Apóstolo. Não fazer o bem que almejamos, concretizar o mal que repudiamos, essa é uma triste mas poderosa percepção da tensão interior do discipulado .

Paulo chega a chamar essa luta interior de “dilema fatal” ainda em Romanos (Rm 8.1) mas na verdade vai lançar mais luz sobre esse tema em sua Epístola aos Gálatas, capítulo 5. Neste texto maravilhoso Paulo nos ensina que devemos viver pelo Espírito para não satisfazer os desejos da carne (Gl 5.16). Paulo usa um termo para “carne” (no original *sarx*) que foi escolhido pelo Apóstolo para se referir a natureza pecaminosa do homem, seu instinto para pecar, e não necessariamente seu corpo material. Paulo utilizou o termo para se referir “a todo o mal que o homem é e é capaz de realizar longe da intervenção da graça de Deus e de sua vida”.⁶ Logo, devemos compreender “carne” neste trecho como sinônimo da natureza pecaminosa, e neste sentido há um contraste entre “carne” e “espírito”, um contraste frequente no NT, especialmente em Paulo,⁷ para referir a tensão entre a nossa antiga natureza pecaminosa herdeira de Adão e nossa nova natureza de filhos de Deus infundida em nós pelo Espírito Santo na regeneração.

É por causa dessa dualidade, da existência dessas duas naturezas em nós ao mesmo tempo enquanto o Senhor ainda não vem nos glorificar por completo, que Paulo afirma claramente que estamos em uma batalha interior: “Por isso digo: vivam pelo Espírito, e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne. Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam” (Gl 5.16,17 - *NVI*). Paulo começa então a descrever como é a vida de alguém que é dominado por sua natureza pecaminosa, e deixa claro que ela pode assumir o controle nessa luta (Gl 5.19-21). Logo em seguida afirma que “o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei. Os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos. Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito” (Gl 5:22-25 – *NVI*).

Paulo deixa claro que o fruto do Espírito é o resultado exterior da vitória interior do Espírito sobre a carne, é uma vida marcada por relacionamentos restaurados nos quais o cristão age como Cristo. As ordens de Paulo, seus imperativos claros nos versos 16 e 25 deixam claro que podemos fazer algo nessa luta entre o espírito e a carne, podemos e devemos contribuir para que a nossa nova natureza de filhos de Deus cresça e assuma mais e mais o controle de nossa vida e nossa velha natureza diminua e seja mais e mais atrofiada. Mas como podemos fazer isso?

Paulo deixa claro que o caminho está na mortificação da velha natureza e na vivificação da nova natureza: “Os que pertencem a Cristo crucificaram a carne, com suas paixões e desejos. Se vivemos pelo Espírito, andemos também no Espírito” (Gl 5.24,25). Crucificar a velha natureza, vivificar a nova natureza. A CFW expressa de maneira fiel o ensino de Paulo quando afirma que “o domínio de todo o corpo do pecado é destruído, as suas várias concupiscências são mais e mais enfraquecidas e mortificadas, e eles são mais e mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadoras, para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor” (CFW, Cap. 13, Art. 1).

Plantinga nos ensina que “ao se render ao Espírito de Deus, o crente busca a morte do seu ‘velho eu’ e a ressurreição do seu ‘novo eu’. Isso significa que ele mata a sua arrogância e ressuscita a humildade. Ele mata a inveja e ressuscita a gratidão. Ele mata a raiva e ressuscita a mansidão”.⁸ Ou seja, nega o seu falso eu mais e mais, tomando sobre si a cruz de Cristo como aprendiz, negando a si mesmo e negando saciar os impulsos de sua natureza pecaminosa. Esse movimento de mortificar é a um só tempo um movimento de vivificar, de obedecer o Consolador e assumir a vida de Jesus, abrindo caminho para o verdadeiro eu. Apenas com o poder do Espírito Santo o cristão pode negar/mortificar sua antiga natureza, e ao fazê-lo abre espaço para que o mesmo Espírito venha nutrir a nova vida e fazer crescer o fruto do Espírito. Assim, todos estamos em reforma, “e o ritmo central da reforma é morrer e reviver com Cristo, praticando isso repetidamente até que se torne um modo de viver”.⁹

⁶ BOICE, JAMES MONTGOMERY: Galatians. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Romans through Galatians*. vol. 10. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1976, p. 494

⁷ BOICE, JAMES MONTGOMERY: Galatians. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Romans through Galatians*. vol. 10. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1976, p. 494

⁸ PLANTINGA, Cornelius Junior. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.93

⁹ PLANTINGA, Cornelius Junior. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.93